

## **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

# **A LINGUAGEM DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NAS REDES SOCIAIS: COMO CONVERSAR COM O PÚBLICO?**

*Luis Felipe do Nascimento Rodrigues*

Quando pensamos em como nos comunicamos nas redes sociais, a primeira impressão que vem à cabeça está relacionada a uma linguagem mais informal, divertida e impessoal, de uma forma que só o brasileiro sabe fazer. Memes, frases de efeito e tantos outros artifícios são utilizados e conquistam o público a ponto de fidelizá-lo, criando um verdadeiro fã-clubes no mundinho das redes.

Vivemos em um mundo global, onde apenas com um clique, todos os tipos de aventuras nos são apresentadas, mas que, ao mesmo tempo, expõe novos riscos à saúde e que ocorrem numa época especial do desenvolvimento cerebral, mental e corporal da adolescência.

Segundo uma pesquisa realizada pela Unifesp junto ao laboratório farmacêutico Bayer, 41% das jovens não conversam sobre sexo com pais, 33% não tiveram acesso à educação sexual na escola e menos de 20% buscam informações sobre o assunto com ginecologistas.

A pesquisa feita com 1.500 mulheres entre 16 e 25 anos, nos mostra como o assunto ainda é um tabu onde deveria ser discutido, como nos lares e na própria escola, o que aumenta ainda mais o distanciamento entre como as informações chegam a esse público. Dados do Boletim Epidemiológico HIV/Aids, publicado em 2021, revelou o aumento de 64,9% das ISTs entre jovens de 15 a 19 anos e de 74,8% para os de 20 a 24 anos, entre 2009 e 2019.

As redes sociais são muito utilizadas como fontes de informação à saúde, o que nos faz refletir sobre a ação necessária sobre a disponibilização dos conteúdos de modo que as pessoas compreendam o cenário epidemiológico que nos insere, além do fato de que, em tempos de desinformação e veracidade dos conteúdos, uma armadilha digital pode expor a sociedade a conteúdos que levam ao erro.

Além disso, pensamos em como essa comunicação nas redes sociais acaba de uma forma mais técnica, além de desinformadas, trazendo a essas pessoas assuntos relacionados ao sexo e infecções sexuais que podem acontecer, mas que não despertam interesse no consumo, gerado por obstáculos como a linguagem e a forma de comunicação.

Especificamente, quando falamos em algo presente em nossa vida, iniciando no começo de uma adolescência cheia de dúvidas, medos e desafios (e muita timidez), as discussões sexuais, tanto nos relacionamentos quanto no descobrimento do nosso corpo e prazeres, se tornam uma jornada interessante e com muitos desafios. Quantas dúvidas surgiram lá atrás, quando ainda éramos jovens, com muitas espinhas, e não tínhamos o conhecimento e muitas vezes acesso a ferramentas que nos permitissem descobrir sobre como nossas indagações mais profundas, curiosas e misteriosas, pudessem ser respondidas e, além disso, o tema ainda é um tabu nas famílias, minimizando as chances de auxílio em um processo difícil por si só.

Também é necessário ressaltar que muitos de nós, que não tivemos a oportunidade de acesso a informações que nos permitissem entender o cenário quando mais novos, e possuem uma vida sexual ativa, também podemos utilizar dessas ferramentas para entendermos mais sobre o assunto.

Estudos mostram que, nas relações entre as pessoas, falar sobre sexo, infecções e suas relações possuem um potencial de estimular os indivíduos a buscarem conhecimento e de refletir sobre as possíveis aplicações em suas vidas. É nesse sentido que se destaca o papel da comunicação, sobretudo aquela voltada aos riscos, por poder ressaltar as questões que devem ser mais importantes para compreender o cenário e efetivar seu papel transformador.

As redes sociais se tornam ferramentas que, inseridas na vida dos jovens, podem ser um grande aliado nas buscas de respostas às suas indagações.

O objetivo dessa investigação é traçar pistas acerca dessa temática utilizando a sexualidade como objeto de discussão. Ao trazer situações reais para esse enredo e observar e analisar as redes sociais, sobretudo o Instagram, em um campo no qual as mídias digitais sejam uma fonte mais segura, ética, educativa e saudável de conhecimentos, temos um ponto de partida e um objeto prático em análise. Para que isso ocorra, nosso foco neste ensaio direciona ao perfil do médico Ricardo Kores, médico infectologista que utiliza de analogias para ensinar aos jovens sobre as infecções.

O médico aborda temas como uso de camisinha, PrEP (consiste no uso de medicamento anti-HIV programadamente para evitar uma infecção pelo vírus), cuidados para gravidez indesejada, a necessidade de consultar seu médico e realizar exames periódicos, embasados em estudos científicos e, com uma linguagem fluida, divertida, e que, ao mesmo tempo, não foge do seu objetivo inicial de trazer

informações com analogias e de um jeito que deixa tudo mais à vontade, atrai um público cativado com a estratégia de diferentes formas de se comunicar.

Ao analisarmos essas práticas comunicacionais sobre sexo e suas vertentes nas redes sociais, podemos obter dados importantes para definirmos se essa comunicação é pensada de forma planejada e estratégica, e que realmente faz o papel de comunicar aos jovens, trazendo consigo um novo conceito de comunicação ou se ela se limita a reproduzir, em outro meio, o que já era feito anteriormente limitadamente. É necessário abordarmos o assunto e observar como essas estratégias podem ser positivas e de fato, fazerem a diferença na vida das pessoas.

Assim, o que o Dr. Ricardo Kores nos mostra é que não é preciso uma linguagem médica técnica e rebuscada para falar sobre sexualidade e prevenção. Com um trabalho condizente com o esforço do diálogo é possível tornar o assunto mais acessível e popular, que é o objetivo de uma comunicação voltada para a promoção da saúde.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos *et al.* Conhecimento de adolescentes sobre infecções sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.

DEPARTAMENTO DE HIV, AIDS, TUBERCULOSE, HEPATITES VIRAIS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br>. Acesso em: 28 out. 2024.

LUNDGREN, Regina; MCMAKIN, Andrea. **Comunicação de risco**: um manual para comunicar riscos de segurança e saúde ambiental. Columbus: Battelle Press, 2004.

NETO, Fausto. Percepções sobre os campos da Saúde e da Comunicação. *In*: PITTA, Aurea Maria da Rocha (org.). **Saúde & Comunicação**: visibilidades e silêncios. São Paulo: Hucitec, [s. d.]. p. 267-293.

SILVA, Ilaydiany Oliveira; GOUVEIA, Fabio Castro. A busca e o acesso às informações sobre saúde no contexto tecnológico. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 2, p. 23-45, 2019.

SOUTO, Luiza. Pesquisa revela que 41% dos jovens não conversam sobre sexo com pais. **O Globo**, 8 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/pesquisa-revela-que-41-das-jovens-nao-conversam-sobre-sexo-com-pais-22467395>. Acesso em: 28 out. 2024.